

Poema erguido na rua:

Usos e sensibilidades de uma Teresina em dois tempos (57/77)

Renata Flávia de Oliveira Sousa¹

Resumo: Teresina se modifica, se transmuta muito facilmente, se perde em construções e destruições e as vezes deixa vazios de lembrança em seus caminhantes. Observando a importância de consumir e ver a cidade além da sua estrutura de pedra e realçando a importância da literatura para a história na intenção de perceber um olhar mais sensível do passado, este artigo se propõe olhar Teresina em dois anos distintos levando em conta a sensibilidade e o uso íntimo da cidade. É possível ir além da pedra e perceber como as mudanças que a urbe concreta sofre reflete naquele que a atravessa, produzindo novos olhares, novas Teresinas e novos sentimentos. Utilizando como base a literatura de Paulo Machado, especificamente os poemas *Post-card /57* e *Post-card /77* e os jornais *Piauí* e *O Estado* publicados em 1957 e 1977, caminho pelo cotidiano e pelos usos da cidade na busca de resgatar e perceber as múltiplas faces que Teresina assume e as mudanças visíveis pelo autor no intervalo destes vinte anos.

Palavras chave: Cidade, Literatura, História, Sentimento, Teresina.

Abstract: Teresina if modifies, if transmuta very easily, if it loses in constructions and destruction and the times it leaves empty of souvenir in its waker. Observing the importance to consume and to see the city beyond its structure of rock and enhancing the importance of literature for history in the intention to perceive a more sensible look of the past, this article if considers to look at Teresina in two years distinct taking in account the sensitivity and the close use of the city. It is possible to go beyond the rock and to perceive as the changes that city concrete suffers reflect in that it crosses it, producing new looks, new Teresinas and new feelings. Using as base the literature of Paulo Machado, specifically the poems *Post-card /57* and *Post-card /77* and the periodicals published *Piauí* and *O Estado* in 1957 and 1977, way for the daily one and the uses of the city in the search to rescue and to perceive the multiple faces that Teresina assumes and the visible changes for the author in the interval of these twenty years.

Keywords: City, Literature, History, Sentiment, Teresina.

Poem raised in the street:

Uses and sensitivity of a Teresina in two times (57/77)

¹ Poetisa e Graduada em História (UESPI), especialista em História Cultural (UESPI). Foi bolsista CNPq com pesquisa na área de história e cinema. Desenvolve atualmente pesquisas na área de história, literatura e cidade. E-mail: renata.flavia07@hotmail.com

Por vezes ouvi, por vezes falei: Teresina, cidade sem memória. O efeito assustador é pura força da palavra para retratar a dificuldade visível dos habitantes e gestores da cidade de perceberem sua história, sua memória e a construção da cidade. Perceber como Teresina se formou, os lugares considerados importantes, os usos desses lugares, por exemplo, os casarões do centro antigo que hoje se transformam diariamente em estacionamentos. Por vezes Teresina se transforma drasticamente sem que ninguém se dê por atingido ou mesmo surpreso e as perguntas que ficam são: como podemos morar em uma cidade que não conhecemos? Como construímos todo dia algo que poucos conhecem a origem, a história? Uma cidade feita de meio, de incongruências? Teresina é recorte espalhado de si mesma, muitas vezes assume o retrato de uma cidade-ciborgue com pedaços acoplados sem qualquer preocupação com sua memória.

Se a “cidade-pedra”, a matéria visível e gritante nas ruas, não transmite emoção, ligação, pertença, o que dizer da nuvem de ações, caminhos e sorrisos que construíram o cotidiano, a memória? O que dizer dos mapas sensíveis que depois alargaram suas fronteiras rumo ao sul, ao leste e esticaram o centro da cidade? Poucos conhecem o chão que pisam e nesse contexto surge a necessidade de um grito em pleno cruzamento da Coelho Rodrigues com Simplício Mendes, um grito que diga que nesse ponto meus pais se encontravam de mãos dadas, luz bonita de tarde, no começo do seu namoro e corriam pra Top’s ali pertinho, onde vários estudantes faziam barulho aos gritos entre sorvetes, lanches e risos.

Essa vontade de perceber a cidade e torná-la possível aos olhos mais rápidos é o motor desse artigo que une literatura e história produzida sobre Teresina. Com o alargamento das discussões da chamada Nova História houve um desejo em colocar luz sob os traços do cotidiano, que durante muito tempo ficaram sombreados, quase desmerecidos de seu crédito, assim como diversas práticas envolvidas com a cultura. O interesse sobre as questões do cotidiano foi ganhando, com esse alargamento, destaque em várias pesquisas acadêmicas, possibilitando o uso de novas fontes e novos olhares que permitam pensar uma história mais próxima da pele e dos passos daqueles que a construíram.

Entendendo que a cidade assume o acúmulo dos bens culturais e é o lugar de onde estes são produzidos, é de grande coerência ir até as representações do urbano para resgatar as visões feitas sobre as práticas e sentidos construídos entre o passo caminhante e a leitura que se faz dele. E já que a urbe comporta uma gama de informações e torna-se um entrecruzamento de significados e uma maneira de se chegar próximo à cidade, seria

interessante abordar suas metáforas, suas imagens, palavras, contornos de representações que se criou sobre ela.

Sobre tal cidade, ou em tal cidade, se exercita o olhar literário, que sonha e reconstrói a materialidade da pedra sob a forma de um texto. O escritor, como expectador privilegiado do social, exerce sua sensibilidade para criar uma cidade do pensamento, traduzida em palavras e figurações mentais imagéticas do espaço urbano e de seus atores. (PESAVENTO, 2002, p. 10).

Assim, as qualidades ou defeitos de uma cidade, seu avanço ou atraso estão ligadas com o olhar daquele que fala sobre ela, com os chamados “consumidores do espaço”, ou ainda pelo olhar daquelas que a sonharam, os projetistas, ou daqueles que a percorreram pela margem fora da ordem imposta já que nem sempre o discurso daquele que planeja a cidade é aceito da forma esperada, pois o uso e a simbologia que os cidadãos criam sobre estas construções têm suas próprias medidas, e estão mais ligados com os mapas íntimos, com os olhares treinados dos fotógrafos e poetas da cidade e com a representação que têm dos lugares praticados do que com as linhas e objetivos traçados nas salas fechadas dos projetistas.

Portanto, produzir uma história capaz de captar o sensível se torna possível quando fazemos uso da literatura, já que essa produção em si mesma carrega um olhar sensível e apurado de um observador ligado com seu tempo e que consegue transmitir não só as mudanças da “cidade-pedra”, mas também as emoções, sentimentos e ressentimentos que essas transformações acarretam no homem cidadão, gerando todo um movimento de refeitura, releitura e novo uso de lugares da urbe.

Dessa forma quero dizer em bom som recados do cotidiano mutante da cidade que sempre quis ser grande desde seu planejamento, já que Teresina assumira desde o sonho a faixa de capital². Essa vontade foi multiplicada anos atrás, no primeiro contato com os textos de Paulo Machado³, que foi responsável por multiplicar as visões que transformaram a cidade à minha volta, porque antes, eu andava às cegas de algumas movimentações invisíveis da memória que caminha junto conosco nas ruas.

Colocando o foco na ideia de consumir a cidade por dentro, a cidade usada, atravessada, reformada em linhas de visão de um observador poeta e pesquisador, é possível vê uma Teresina que nos atravessa enquanto a atravessamos, essa troca múltipla é responsável

² A cidade de Teresina foi a primeira capital planejada do Brasil, fundada em 16 de agosto de 1852.

³ Paulo Henrique Couto Machado nasceu em Teresina, em 1956. É poeta, advogado e Defensor Público. Pertence à chamada Geração Pós-69. Participou de grupos de pesquisas, publicou dois livros, integrou a comissão editorial de literatura da revista Pulsar e vive até hoje em Teresina

pela construção de todas as cidades. Como exemplo dessa possibilidade faço uso nessa análise do livro de poemas *Post-card* publicado nos anos 1980 e que retrata a história da cidade de Teresina, fazendo um painel de sua convivência e mapas subjetivos criados em dois anos diferentes, 1957 e 1977.

O autor Paulo Machado realiza um passeio sob a cidade de Teresina; a cada rua ou canto de praça uma imagem poética é revelada e o narrador nos coloca sobre seus ombros para passear por suas memórias nos revelando retratos de uma Teresina que não existe mais, porém resiste entre os versos.

Esse *Post-card*⁴, ao contrário dos cartões postais opulentos das pontes, construções arquitetônicas, ruas modernas, espaços de cidade grande vendidos nas bancas de uma cidade, traz estampado personagens e lugares comuns que são abarcados todo o dia pelos passantes da urbe, não apresenta em si os lugares de grandes arquiteturas ou pontos turísticos, mas sim a composição sensível que se constrói pelos caminhos perpassando por seus personagens, pelos usos, pelos locais habitados e conhecidos na maioria dos mapas subjetivos criados dentro da cidade.



Imagem 3 - Ilustração da capa. *Post-card*, 1980.

O *Post-card* se transmuta em uma leitura metafórica sobre o que seria marcante para quem pisa na cidade diariamente. Faz uso de cartões da cidade, mostrando os fragmentos,

⁴ O *Post Card 1957/1977* é um livreto de Paulo Machado em um formato inovador medindo de altura 31cm e de largura 15cm, publicado pela Fundação de Cultura de Teresina, a FCMC, que contém dois poemas e em cada página acompanha versos e desenhos.

detalhes, ares que torna Teresina, Teresina. Com o exercício de olhar o que a cidade foi, passo a abrir os olhos para perceber o que ela é, o que tem se tornado, “o viajante reconhece o pouco que é seu descobrindo o muito que não teve e o que não terá” (CALVINO, 2011). Assim como quem conhece novos lugares sempre com o referencial no seu ponto de partida, o Post-card relata duas Teresinas separadas por 20 anos.

Dessa maneira o poeta estabelece em seu texto dois tempos, os anos de 1957 e 1977, e nos revela nesse contraste as mudanças no cotidiano e sentimentos em relação à Teresina, na medida em que aborda não só a mudança de costumes, de lugares e de usos, mas a mudança relacionada com a falta, os vazios que essas transformações deixam incrustados nos postes, esquinas e praças da cidade. O tom nostálgico e muitas vezes distópico entorna a cidade pelos seus vazios, por uma representação da cidade pelas diferenças, pelos múltiplos claros e escuros que se cria nos discursos, por aquilo que é iluminado e aquilo que é suprimido e pode revelar a cidade assim como as antigas fotografias analógicas faziam em seus filmes positivo/negativo, é assim unindo imagens contrárias que se possibilita revelar uma coerência sobre a época, é assim que o Post-card aborda dois anos separados por duas décadas e realiza um passeio sob os escombros da memória da cidade.

As escolhas destes cartões postais retratam uma Teresina dentre as várias possíveis, esta escolha do poeta revela a cidade subjetiva que irriga a memória. Essa cidade é realizada pelas trajetórias de espaços ocupados pelas táticas de vários caminhantes e do narrador, é antes lugar de prática que abarca o uso e a formação de mapas que escapam a “cidade-pedra” e são ocupados pelas significações que se dão a eles, como a praça o lugar de parada e conversa. Na Praça Marechal Deodoro da Fonseca, conhecida como Praça da Bandeira “há velhos com suas memórias recompondo o tempo” (MACHADO, 1980), ou a Paissandu sempre ocupada por bêbados que caminham escapando trôpegos das linhas que delimitam a calçada.

Várias dessas táticas de ocupação da cidade são o foco na memória poetizada de Paulo Machado e são suas práticas ou a ausência delas que se tornam para o poeta os verdadeiros cartões postais. Uma cidade vista por dentro pelas suas veias de cotidiano e é dessa maneira que acredito que Teresina precisa ser atravessada todos os dias.

As linhas dos cartões postais são dançarinas.

Paulo Machado nasceu em 1956 e além de poeta é Defensor Público e participou em Teresina de publicações e grupos de pesquisas que originaram a Revista Pulsar, que circulou nos anos 1990. Tem além do *Post-card* mais dois livros publicados, o *Tá pronto seu lobo?* e *Paz no Pântano*, pertence ao que ele mesmo chamou de Geração Pós-69, expressão que se refere a um novo modo de produção literária que se fez pelos anos 1970, numa tentativa também de romper com os rótulos de marginal e geração mimeógrafo que acompanhava as produções anteriores (dos anos 1960).

Foi , portanto, ativo em diversos movimentos dentro da cidade, e como pertencente a ela pôde produzir diversos textos e materiais, só ou em grupo, que hoje dão substância a cultura teresinense. Ele me mostrou uma Teresina que eu não via, retirando um véu que havia nos meus olhos e permitiu que eu enxergasse e fizesse, somando-se com a história e as teorias de caminhadas de Michel de Certeau⁵, uma cidade minha. Dessa mini biografia já parte um dos segredos do Post-card.

Post-card é um livreto em formato diferenciado, realizado pela Fundação Cultural Monsenhor Chaves em 1980 que traz em suas páginas dois poemas, o Post-card 57 e o Post-card 77, em cada página é disposto um fragmento que diz sobre determinado espaço ou personagem; assim cada página é um postal acompanhado de um desenho confuso e rápido com a silhueta imagética dos versos. O segredo que me referi antes é o que Paulo Machado faz um passeio no primeiro poema em uma Teresina que ele viveu quando tinha apenas um ano de idade e que, portanto, o conjunto de memórias que ele se refere não parte somente dele, do seu caminhar, mas sim capta uma memória coletiva um filete que passou pra ele e fez re-construir a Teresina de seu primeiro ano. Depois de perceber isso encontrei uma entrevista do poeta ao também poeta Elias Paz e Silva, onde a pergunta se refere à possibilidade da poética de Paulo ser também testemunho histórico, ele diz:

Sim. Também é história contemporânea o episódio não presenciado ou testemunhado por mim, resgatado de relatos, do relato oral de outras pessoas que testemunharam estes episódios, a não ser quando, num determinado momento, eu trabalhei, especificamente, com o que também é dito como algo antipoético, e tem a ver, no caso, com a história pessoal – seria resgatar um documento em relação ao meu avô... e eu tentei também, a partir do

⁵ Ver mais em: CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. 4ª ed. – Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

documento, com a linguagem, inclusive através da qual o documento tinha sido escrito, transformá-lo numa matéria poética...(SILVA,2010).

É esse trabalho de dar luz às impressões de uma cidade que nos permite nos aproximar do seu âmago e colher as ligas que podem nos aproximar da sua história. Vale ressaltar que quando eu estava em meio àqueles jornais amarelados de 1957 tentando ver a cidade que eles mostravam, eu pude imaginar tranquilamente Paulo Machado fazendo aquele mesmo caminho, pois como curioso e pesquisador assíduo não seria a toa seus escritos e neles estão inscritos diversas pistas da nossa história. Propositadamente o autor consegue trazer de volta nos poemas esse sentimento de narratividade trazendo lembranças e fatos sem dar atenção para a explicação e sim para o episódio em si, “assim, seus vestígios estão presentes de muitas maneiras nas coisas narradas, seja na qualidade de quem as viveu, seja na qualidade de quem as relata” (BENJAMIN,1996).

Acompanhando nesses dois poemas a dança dos locais as mudanças, abandonos, ressignificações e as opções do poeta de focar em determinados personagens desconhecidos e que habitavam as ruas da cidade, esse passeio pelas memórias possíveis dentro do livro *Post-card*, de 1980, tem o desejo de fazer um paralelo entre as imagens poéticas que os versos nos revela em dois anos distantes um do outro por duas décadas, rabiscadas por traços disformes quase como um espectro da lembrança, como fragmentos do lembrar que se modificam de acordo com o momento em que são despertados, mas que guardam as impressões, sonhos e personagens, trazendo o retrato das curvas das praças e dos locais de práticas e táticas⁶ e caminhos no centro de Teresina.

“Quer tenhamos consciência ou não, o espaço nos interpela de diferentes pontos de vista: estilístico, histórico, funcional, afetivo” (GUATTARI, 2006). Nesse sentido, o autor escolhe os lugares a partir das suas experiências ou daquilo que evoca nele sentimentos perdidos de atravessamentos da cidade, já que os espaços são carregados de evocação de lembranças que só conseguem ser novamente visitados pela “experiência delirante” ou pela poética que nos traz de volta por uma via imagética e pulsante fragmentos da história ou sensações de nossas memórias vividas nesses lugares, assim certa ironia contamina os passeios dos poemas.

⁶ Conceitos criados por Michel de Certeau que, de maneira extremamente sucinta, aborda os usos e escolhas que o caminhante faz em seu percurso pela cidade, onde se revela a cidade criada em suas escolhas de atravessá-la, revelando uma cidade subjetiva quase íntima que é criada por cada caminhante. Mais em: CERTEAU, Michel. **Invenção do Cotidiano**: Artes de fazer . 4º Ed. 1990.

Corro para o ano de 1957, amarelado nas folhas dos jornais que resistem no Arquivo Público. Entre algumas notícias nacionais e a visita de JK a Teresina, o que o Jornal Estado realmente foca são as notícias das movimentações de nomes pomposos da cidade. É fácil perceber que os jornais em 1957 assumiam esse tom social, quase como as hoje conhecidas colunas sociais, e tinham como grande referência às festas de aniversários exclusivas com a lista de nomes de quem compareceu, o concurso badalado de miss que ocorria no Clube dos Diários - e servia também como resultado de eleições da diretoria desse clube, e até avisos mensais de festas e dia de pagamento para os sócios. O jornal grita muitas vezes a falta de mais clubes de mais festividades, retrata uma Teresina ávida por diversão e ao mesmo tempo recheada de movimentação.

O *Post-card* inaugura a caminhada por essa Teresina de 1957. A primeira parada é a Praça Marechal Deodoro da Fonseca (conhecida como Praça da Bandeira) e segue pelos cruzamentos em um vai e vem que foge as linhas grafadas nos mapas da cidade. Estabelece uma cidade tracejada pela memória que paira sobre as construções criando rupturas, assim como o caminho do andarilho é múltiplo, mas o seu olhar, sua lembrança foca em lugares que realmente significam algo afetivo, seja pelo seu uso ou pela memória que foi perpassada ao autor, dessa maneira, podemos perceber por esses caminhos um mapa subjetivo de uso da cidade de Teresina. É nesse sentido que olho para a urbe e percebo a memória criada pelas rupturas com a cidade-pedra, criada pelas impressões que se tem ao atravessar uma praça e colocar em seu circuito em sua travessia relatos de um tempo criando trajetórias que nos permite tocar a cidade subjetiva.

A importância de perceber essa cidade é poder reconhecer a vida e o movimento que causamos na urbe, levantando a poeira com nossos pés e colocando em determinado ponto relatos de nossas vidas. O caminhar de Paulo Machado nos permite essa nova percepção de onde construímos nossas vidas e percebemos, por exemplo, que a Praça da Bandeira ou o cruzamento da Barroso guarda todo dia muito mais que a pressa e o lugar de passagem dos infames, guarda em seu seio vidas caminhantes e a relação afetiva com a cidade.

na praça marechal deodoro
às nove horas falavam
da u d n e do american-can

um louco Jaime fazia ponto no cruzamento
da barroso com a senador pacheco sem saber
que há tempo exista a guerra fria (MACHADO,1980).

Assim a praça ganha o ar de outro tempo e guarda sua função mais importante para o poeta: a de local de congruência, discussão, encontros ou enunciados que se fazem pelos senhores sentados nos bancos. A força dessa enunciação é dada ao louco Jaime que se torna personagem de um cruzamento de duas importantes ruas do centro. Jaime adjetiva um espaço com suas características e também é adjetivado por ele mesmo sendo desconhecedor do que acontece no mundo ainda assim é partícula indissociável da vida naquela rua, vale lembrar que a rua Senador Teodoro Pacheco é a capa do livro *Post Card* e vem em foto preto e branco onde se vê ao fundo, já próximo a Rua Antonino Freire a Igreja São Benedito, essa escolha não é a toa, como já foi dito esses cartões postais de Paulo Machado revelam Teresina pelos usos desses locais, retratam o atravessar dos seus caminhantes.

Paulo Machado escolhe os personagens marginais que provavelmente deixariam pouca lembrança, se aproximando do cotidiano ordinário responsável por nossas escolhas de trajeto, é esse movimento que nos retorna ao uso constante do chamado centro, centro de Teresina onde a cidade tem seu marco zero, justamente nessa Praça Deodoro, esse movimento pelo centro era o mais comum já que cidade ainda era pequena. No poema seguinte, de 1977 a cidade já se alargava e há uma mudança visível no tom dos versos nesse mesmo centro.

na praça marechal deodoro
as nove horas há velhos com suas memórias
recompondo o tempo
(...)
no cruzamento com a senador pacheco
há um sinal que não raro
encrenca desafiando a rotina
(MACHADO,1980).

Vinte anos depois já são outros sentidos que tomam a cidade, há outro texto escrito nas ruas e memórias-nuvens que flutuam e aparecem ou faltam, e por essa falta também brotam entre as ruas e os personagens, mesmo o vazio de Jaime revela muito mais sobre Teresina, onde o poeta ironicamente substitui a riqueza de um personagem pela objetividade falha de um sinal de trânsito, revelando a cidade em sua constante mudança entre esses vinte anos e os vazios nos usos do centro pelo alargamento da urbe, por exemplo, em 1977 a construção da Praça da Costa e Silva, grande obra paisagística que é criada rumo ao sul pela Avenida

Maranhão, região que é noticiada no jornal como subúrbio⁷ e que ainda não tinha uso pela organização da cidade apesar de ficar a seis quarteirões do marco zero (Praça Deodoro).

Nos jornais desse ano também é outra cor que a cidade assume, diferente de 1957 vinte anos depois revela uma cidade mais violenta e com jornais que tem um teor muito mais político que o de coluna social de antes, até mesmo pela época de governo ditatorial que o país passava se percebe essa preocupação em notícias mais política, criminal, sendo nacional, regional e internacional. Em Teresina poucas notícias sobre o tal Clube dos Diários, poucas colunas sobre as festas movimentadas, há um marasmo nas festas que só é saciada pela programação diária dos cinemas e notícias de encontros de escritores e o impulso de algumas movimentações artísticas publicadas em um caderno cultural aos domingos do Jornal Estado. Da cidade há uma constante reclamação de falta de cuidados da prefeitura, ruas ruins e notícias de obras como a reforma da Praça Saraiva, calçadão da Simplício Mendes entre outros. Teresina parece esticar com início de obras que extrapolam os limites desse centro que o poeta fala. Para o historiador Alcides Nascimento

As mudanças nos modos de vida, as novas exigências de conforto, as inovações de consumo e lazer engendraram uma expansão do território da cidade, em detrimento do centro antigo, que perde habitantes. (NASCIMENTO, 2007, p.204)

Dessa maneira o centro em 1977 tem seu uso mudado. A cidade já tem outros espaços o que torna a caminhada do poeta, às vezes, com um tom nostálgico, no sentido de que muita coisa da cultura cotidiana da cidade vai se perdendo/mudando em meio aos novos locais criados, como o boom na década de 70 de novas moradias nas cidades com os chamados Conjuntos Habitacionais que urbanizaram locais distante do centro-coração, como a própria zona sul, já mencionada, e colocaram mais empecilhos pra essa movimentação no centro antigo já que o transporte público nessa época também era precário.

Um bom exemplo da mudança da cidade e esse esvaziamento são os versos sobre Praça Pedro II, onde em 57 “quinta feira é dia de matar o tempo na Praça Pedro Segundo(...)” e na quinta feira de 77 a única “mudança notável é a da posição da estátua que parece sorrir”, a ironia com esse uso da praça que resta apenas a mudança da estátua de notável é uma referência as reformas feitas na arquitetura da praça nos anos 70.

⁷ Jornal **O Estado**, *Dirceu e Wall visitam obras junto ao povo.* – Capa, 25 de junho de 1977.

As duas praças centrais de Teresina, a Pedro II e a Rio Branco, tiveram, na mesma época, os seus traçados originais modificados sem que os moradores da cidade pudessem discutir tais intervenções. (NASCIMENTO, 2007, p.208.)

E essas mudanças também atingem o caminhante, pois captar a sensibilidade de cada construção de cidade e sua vivência em constante modificação torna difícil restabelecer e ligar a memória desse lugar, principalmente em um momento em que as cidades rumo a esse clamado progresso assumem cada vez mais um padrão uniforme e funcional eliminando memórias e histórias que as ruas contam, tornando a cidade espaço impessoal e distante, como fale no início do texto, dos casarões que hoje viram estacionamentos. Esses textos literários então nos aproximam novamente do primórdio dos espaços, das suas primeiras referências dando a liga com a memória que falha quando são transformados os espaços que as enuncia..

É o caso dos versos sobre o Bar do Clube dos Diários onde, no primeiro poema de 1957, o poeta fala das tertúlias que ocorriam nesse Clube, localizado no coração da cidade, centro, onde “uma geração embarca no marasmo esquecendo tudo mais” (MACHADO, 1980).



Imagem 1 - Ilustração e texto, página inteira. Post-card 1980.

Nesse momento um saudosismo invade o poema e a ilustração mostra diversas pessoas se divertindo, bebendo e dançando. Entre rabiscos diversos percebe-se a confusão de movimentos e vida existente nesse local, como se ali fosse o auge das festas e lugar certo da cidade em meio a todo marasmo de Teresina, que naquela época permanecia em luta para ser grande e moderna.

Esse mesmo local aparece no poema sobre 1977 já revelando o motivo da lembrança saudosista do poema anterior, nesse o Clube dos Diários está entregue as baratas, abandonado. “Não há tertúlias no clube dos diários / as baratas medrosas saem das bocas-de-lobo / admiram os caixotes de cerveja empilhados e fogem” (MACHADO, 1980). O que era durante um tempo o coração e o escapamento da cidade tornou-se só memória e lembrança de insetos que ainda cismam em dar uma passada por lá e mesmo estes logo desistem.

A imagem que acompanha o texto transcreve ao pé da letra os versos do poema, uma caixa de cerveja com seus cascos são visitados por baratas que passeiam pelo local vazio. O Clube dos Diários tem uma importância histórica para a cidade de Teresina, assim que foi inaugurado entre dos anos 1920 e 1930 era local de encontro da sociedade mais bem favorecida e tinha como marca seus bailes, durante vários anos o Clube foi diminuindo seu fluxo de eventos e só teve uma reforma no ano de 1996. Ainda hoje o Clube dos Diários é lugar de cultura e encontro de exposições, eventos e resguarda o seu famoso Baile dos Artistas.

Além da importância dos locais de práticas das épocas, Paulo Machado toca em outro ponto que sempre nos faz reconhecer a cara da cidade: seus personagens. Das “pretas carnudas” do mercado central de 1957, aos “negrinhos descarnados” que catam frutas podres nesse mesmo mercado duas décadas depois, o poema revela a cidade por aqueles que a caminham e que são figuras carimbadas em qualquer breve passeio no centro, esses personagens povoam o imaginário e dão cara ao espaço em que consomem a cidade e inscrevem nela e no outros caminhantes seus desejos e trajetos, os meios pelos quais constroem aos poucos a história de Teresina. É o caso de Madalena, rosto inesquecível facilmente encontrado na rua em espera de algo ou provavelmente alguém.

nas calçadas da simplício mendes
um rosto magro madalena deixava brotar
estranhamente um sorriso largo
(MACHADO,1980).

A ilustração que acompanha os versos no livro busca o retrato de Madalena em seus detalhes, salto, bolsa, vestido, a magreza, à noite e um sorriso nada largo, quase forçado, encostada em uma árvore garantindo o sinal de espera do verso ambientado em 1957.

No poema seguinte, vinte anos se passaram e a Rua Simplício Mendes não tem nenhuma referência a tal Madalena, provavelmente ela nunca seria citada se não fosse a memória de um caminhante da cidade. Madalena habita hoje, somente as cidades da memória.

madalena morreu de câncer / e nas calçadas da Simplício Mendes
não há nada que lembre sua presença (MACHADO,1980).



Imagem 2 - Ilustração recortada da página. Post-card , 1980.

Sendo uma rua como qualquer outra cidade íntima, em 1977, a Simplício Mendes é ilustrada por uma movimentação vigorosa, agora de dia, de crianças e adultos e o movimento rápido dos rabiscos do ilustrador. Só a falta do sorriso de Madalena habita aquele lugar que também passou por reformas em 1977 e ganhou o famoso calçadão⁸ que habitava até pouco tempo os vendedores ambulantes, conhecidos como camelôs e transformaram a rua da tal Madalena em um comércio fervente.

Teresina corria para seu sonho de ser grande deixando diversos sentimentos flutuando no ar, seja de expectativa ou de falta, uma felicidade ou uma melancolia. Como é possível perceber nos versos de Paulo Machado sobre outro lugar do centro tão movimentado quanto a Simplício Mendes era a Paissandú durante a noite. A rua Paissandú representava a boêmia teresinense e era conhecida pelos seus bordéis, bares e noites movimentadas, mas que no poema referente a 1977 assume um outro desenho.

⁸ Jornal **O Estado**. *Calçadão no centro vai isolar a Simplício Mendes*. - Página 5. 04 de junho de 1977.

a Paissandu agoniza
os bêbados já não falam tanto
e a frieza da noite venceu o calor dos boleros
(MACHADO,1980).

A antiga Paissandú onde “os bêbados pregavam subversão/ e um bolero esquentava as entranhas da noite” (MACHADO, 1980) é substituída por uma cor gelada, onde só resta a frieza da noite e bêbados que já não se divertem tanto e são retratados no desenho que toma a página do Post Card como solitários cambaleando entre calçadas vazias, mas uma mudança entre 1957 e 1977 que o poeta quer retratar em seu texto.

Essa rua (Paissandú) é um ponto do centro muito conhecido por todos da cidade já que sempre foi muito movimentada principalmente a noite e também muito mal dita pois sabe-se que sobre os hábitos diurnos foi construída uma perspectiva negativa como se a partir de determinado número do ponteiro do relógio passasse a existir um novo mundo habitado pela magia, pelo medo, pelo perigo, pelo escape, pelo desconhecido que ao mesmo tempo que ameaça, excita, porém essa idéia apesar de persistente nunca foi absoluta, como na própria boemia, aqueles que revelam profundo enlace com a lua, com os bares e as sociabilidades possíveis somente em ambientes de relaxamento, fizeram da noite seu momento mais ativo e formaram uma nova forma de encarar seu tempo. Desse ambiente muitas cidades se formam, entre copos, boleros, poemas ou simples hábitos que transformam bairros inteiros em espaço de múltiplo encontros e acontecimentos experiências ignoradas, quase mal-ditas, que compõe a cultura⁹ e o cotidiano de homens e mulheres trazendo a luz mais da vida que se constrói pela cidade, na rua Paissandú os homens de família se revelavam entre copos e mulheres da noite.

O que é importante ressaltar é que os locais cartões postais contam no poema seus recados e suas memórias mesmo com o passar do tempo e mesmo com o alargamento da cidade ainda fazem parte do cotidiano e estão colocados no centro não só da urbe, mas do caminho de quem vai ao trabalho, ao mercado ou as lojas. São por si os cartões postais do cotidiano que revelados nos versos nos remetem a riqueza que tem as memórias das cidades e os usos que se modificaram no decorrer desses vinte anos retratados.

O alargamento da cidade para outras zonas e as transformações culturais e políticas tiveram suas repercussões também nas ruas, mudaram como as praças centrais e as ruas mais

⁹ Sobre a Cultura Noturna ver mais em: MATOS, Maria Izilda Santos de. *Noite na cidade e na história*. In: MATOS, Maria Izilda Santos de. **A cidade, a noite e o cronista**: São Paulo e Adoriram Barbosa. Bauru, SP: EDUSC,2007.

atravessadas tomaram outros sentidos revelando novos usos e sentimento para com a cidade. No olhar do caminhante as maiores mudanças segundo os versos de Paulo Machado estão gravados nos personagens e histórias das memórias dos lugares as visões e enunciações que estes tornam possível e dão a liga que é necessária para a identidade de uma cidade.

Última consideração.

Entre a acumulação destas teorias de como se perceber a cidade fica a idéia principal de que por mais que se consiga, cacos, relatos e personagens o retrato que o historiador irá captar será uma possibilidade de uma infinidade de outras, pois mesmo a busca de captar representações da cidade não anula que o trabalho do historiador seja em si mesmo uma representação, e novamente uma escolha de como contar, unir e construir uma linha em outra infinidade de possibilidades de olhar, mas sim é nesses pequenos estudos possíveis, nesses contados personagens, nesses poemas, traços, fotografias e sombras que podemos construir nossa história, que podemos ver memórias e perceber a cidade como esse conjunto inesgotável de produção cultural e é nessas possibilidades que descobrimos mais de nós e também nos (re)fazemos.

Acreditando que a memória é a primeira junção de signos para o desenvolvimento dos signos da arte, entendo que é dessa maneira que a poesia de Paulo Machado nos traz uma fonte viva e rica para perceber o desenvolvimento da cidade menina, da cidade Teresina que tem em seus labirintos de memória alguns vazios desconhecidos pela maioria dos seus habitantes é dessa forma que quero colocar em bom som esses recados de um passado que dá mais consistência ao que a cidade é hoje, que dá mais liga e sentimento de proximidade com a essência dessa Teresina, ou de ao menos uma das várias possíveis. A literatura de Paulo Machado dessa forma se torna um conjunto autêntico da memória desse uso dos espaços da cidade produzindo a arte poética de lembranças que dão consistência às vivências da urbe.

A literatura dessa forma contribui para um novo olhar sobre o tempo já que a sensibilidade artística e o fluxo da escrita nos permitem atingir sentimentos, relações e percepções que só são possíveis de captar na escrita e no olhar de autores que pôr seu tato com as palavras se colocam em um lugar privilegiado para nos contar histórias, onde o narrar assume a beleza mística de conseguir transferir o que às vezes não é fácil decodificar. Dessa maneira os retratos descritos no Post-card 57/77 servem de fonte para essa proximidade entre

caminhante e caminho, ligam os laços emotivos com a cidade-pedra por demonstrar em seus versos como as mudanças na estrutura material da cidade também transformam a relação do indivíduo com esta, apagando as enunciações da história deste indivíduo e mudando drasticamente a relação que este estabelece com a urbe.

A luta por uma valorização da memória de Teresina deve ser lembrada aqui, pois como foi dito no começo deste artigo Teresina têm constantemente apagada várias frases de suas histórias que são contadas nos espaços públicos e arquiteturas. Espera-se contribuir com estas palavras com a valorização e descoberta da cultura, da poesia e da história do cotidiano dessa cidade e que Teresina tenha mais que uma última consideração.

Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru, SP: Edusc, 2007.
- BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política (Obras escolhidas; v.1)**. 7ª ed.- São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa. **Entre letras e papéis: a crônica como vestígio da cidade de Teresina**. IN: ADAD, Shara Jane Holanda Costa (Org.). *Entre Línguas: movimento, mistura e saberes*. Fortaleza: Edições UFC, 2008.
- CALVINO, Italo. **As cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: Artes de fazer**. 4ª ed. – Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- GUATTARI, Félix. **Restauração da cidade subjetiva**. In: GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. – São Paulo: Ed. 34, 2006. *Jornal O Estado. Policiamento ostensivo para os logradouros*. – Página 5 21 de maio de 1977.
- Jornal O Estado. Calçadão no centro vai isolar a Simplício Mendes*. – Página 5, 04 de junho de 1977.
- Jornal O Estado. Dirceu e Wall visitam obras junto ao povo*. - Capa, 25 de junho de 1977.
- MACHADO, Paulo. **Post-card 1957/1977**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1980.
- MACHADO, Paulo. **Entrevista concedida a Elias Paz e Silva**. Disponível em : <http://www.overmundo.com.br/overblog/entrevista-com-o-poeta-paulo-machado>
Acesso: 21/06/2013 às 19h:52min.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. **Noite: na cidade e na história**. In: MATOS, Maria Izilda Santos de. *A cidade, a noite e o cronista: São Paulo e Adoriram Barbosa*. Bauru, SP: EDUSC, 2007.
- NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **Cajuína Cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970**. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, ANPUH, vol. 27, n. 53, jan.-jun., 2007. p.195-215.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano.** In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 8, nº16, 1995, p.279-290.

_____. **O imaginário na cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre.** Porto Alegre: EDUFRGS, 2002.

Recebido em 10 de janeiro de 2014

Aprovado em 05 de maio de 2014